



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval
 Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages
 Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Suiany Bueno Silva¹

Micro-relações de Poder: uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio

Micro-relations of Power: an analysis of the slaves' actions in the *Golden Ass*, by Lucius Apuleius

Resumo:

Desenvolveremos neste artigo a temática referente às relações de poder estabelecidas entre senhores e escravos, percebendo que estas relações se davam por conflitos, mas também por consensos. Abordaremos duas narrativas, quais sejam: da escrava Fótis (Livros II e III) e do escravo Mirmécio (Livro IX), os quais, mesmo estando em condições de inferioridade, não apenas sofriam a ação do poder, mas também o exerciam. O poder é percebido e exercido por meio de diversos dispositivos, nas diferentes esferas sociais, inclusive por escravos. Assim, realizaremos uma análise sobre as negociações articuladas pelos escravos em seus espaços de sociabilidades na sociedade romana provincial representada por Apuleio no século II d.C.

Palavras-Chave:

Poder; Escravo; Negociação.

Abstract:

In this article, we will develop the subject regarding the relations of power established among masters and slaves, by noticing that these relationships happened by means of conflicts, as well as agreement. We will analyse two narratives: the one of Fotis slave (Books II and III) and the one of Mirmecius slave (Book IX), who were in conditions of inferiority and nonetheless not only were submitted to actions of power, but also made use of it. Power is noticed and used by varied means, in different social spheres, including slaves. Thus, we will make an analysis of the negotiations articulated by the slaves in their space of sociability in the provincial Roman society.

Keywords:

Power; Slave; Negotiation.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Silva, Suiany Bueno.
Micro-relações de Poder:
uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

1. Introdução

Neste artigo desenvolveremos a temática sobre as relações de poder entre senhores e escravos a partir de duas narrativas presentes em *O asno de Ouro*, as quais referem-se aos personagens Fótis (Livro II e III) e Mirmécio (Livro IX). Para tanto, será focado o suporte analítico das microrelações de poder, pois, assim como Michel Foucault, compreendemos que mesmo os escravos estando, juridicamente, em condições de inferioridade, podiam sofrer ou exercer os poderes. Tomamos como ponto de partida, as diferentes situações apresentadas na narrativa de Lúcio Apuleio, em que muitas vezes os personagens escravos utilizavam o seu ambiente e táticas para se beneficiarem, sem, contudo, perder de vista sua inferioridade jurídica e suas relações com seus senhores.²

Adotamos o conceito de poder tal como propõe Michel Foucault, isto é, “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, [...] o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (1986: 76). Definido como relação de força, o poder não é apenas uma relação vertical, e sim uma prática que se insere em todos os âmbitos do cotidiano, podendo ser exercido por qualquer agente social.

2. Relações entre senhores e escravos na historiografia

As relações de poder são mecanismos em que todos os agentes atuam e sentem seus efeitos, articulam-se e se exercem em diferentes níveis da sociedade (Foucault, 1986). De acordo com Georges Balandier, todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir os efeitos desejados, pois, segundo o etnólogo, o poder estabelecido unicamente sobre a força e sobre a violência teria uma existência constantemente ameaçada (Balandier, 1982: 6-7). Compartilham desta mesma ideia Hannah Arendt (2003) e Michel Foucault, que compreendem o poder não somente pela relação de mando, obediência e violência. Entretanto, Michel Foucault pensa o poder como relação de força,

² Além das relações de poder entre senhores e escravos, a narrativa *O asno de Ouro* nos permite analisar outras formas de relações de poder, como as que se estabelecem nas relações de gênero. Veja-se Omena; Gomes, 2011. Outras obras do autor também possibilitam esse tipo de análise. Temos o estudo de *Apologia* realizado por Semíramis Corsi Silva (2006), na qual a autora analisa a vida do autor e as relações de poder que a permeiam, as quais, nesse caso, se referem ao âmbito jurídico, no qual Apuleio tem que se defender de uma acusação de uso de magia.

Silva, Suiany Bueno.
Micro-relações de Poder:
uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

como conflito. A autora, ao contrário, afirma que o poder desenvolve-se por meio de uma relação de consentimento.

Nesse sentido, compreendemos, por um lado, que as relações de força entre senhor e escravo se desenvolvem por meio do conflito, uma vez que o poder é exercido tanto pelo senhor quanto pelo escravo, não sendo uma via de mão única, haja vista que é a capacidade de articulação de desejos e interesses de ambos os agentes sociais que determina o tipo de relação que será estabelecida. O senhor, tendo o direto sobre seu escravo, podia decidir seu destino, procurava exercer o seu poder de amo conforme lhe convinha, dando-lhe maior ou menor autonomia. Por outro lado, estas relações sociais também se davam por meio do consentimento, o qual se expressava pela busca de uma relação harmoniosa do senhor com o escravo, desenvolvida pela prática de benefícios. Esta interação harmoniosa “era um instrumento imprescindível de constituição e ordenamento social, pois, humanizava as relações entre os agentes sociais” (Omena, 2009: 117). Além disso, ao tratar seu escravo com respeito, o senhor objetivava manter a ordem e suprimir possíveis reações³, por exemplo, a recusa de realizar atividades impostas. Outro importante elemento para a manutenção da ordem era a concessão da liberdade, pois dessa forma conseguia-se a cooperação por parte dos escravos como a possibilidade de tornarem-se libertos.

Ao falar na concessão de liberdade ao escravo, temos de pensá-la sob duas formas. Por um lado, de acordo com Keith Hopkins (1981), com a perspectiva de tornar-se um homem livre (cidadão romano), ainda que carregando a mancha da escravidão, da qual só seus filhos se libertariam plenamente (Guarinello, 2006: 332), o escravo dedicava-se ao trabalho e sob o controle e exigências de seu amo, para futuramente obter a tão almejada manumissão. Por outro lado, não existindo somente hostilidade entre escravo e amo, muitos senhores libertavam seus escravos por gratidão e generosidade, pelos trabalhos e fidelidade desenvolvidos no seio da relação senhor-escravo. A liberdade era o maior incentivo para se obter um bom trabalho, e para além disso, o ex-escravo, mantendo um laço de respeito por seu patrão, continuava a prestar-lhe serviço, ainda que possuísse tempo para cuidar de si (Brunt, 1968: 176).

³ Para exemplificar a partir de nossa fonte um caso em que podemos verificar reações de escravos contra seus senhores, é a narrativa do protagonista Lúcio-Asno (Livro VI, IX). Ao titubear e vacilar em relação aos trabalhos forçados, Lúcio-Asno demonstrava que não é um ser passivo, pelo contrário, reage contra essa coação o qual é submetido. Compreendemos neste caso as articulações de poder diretamente relacionadas ao momento em que o protagonista pensa e negocia sua situação, quer dizer, ao se mostrar menos astucioso e menos prudente, demonstra não saber realizar o ofício ao qual é destinado, e, dessa forma, Lúcio-Asno busca angariar vantagens, como realizar ofícios que não sejam penosos.

Silva, Suiany Bueno.
Micro-relações de Poder:
uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

Mesmo sem obter a liberdade, o escravos, em alguns casos, podiam exercer funções de responsabilidades e confiança, pois mostravam-se como pessoas pensantes com capacidades e habilidades, e não como coisas bestializadas (Hopkins, 1981: 153). Como acentua Bradley (1994: 57-67), o escravo tem ocupações e uma enorme gama de atividades, podiam ser médicos, maestros, escritores, secretários, ou ainda tipográficos, pintores, enfermeiros, barbeiros, jardineiros, marinheiros e padeiros. Completando tais discussões, Jean Gaudemet (1992: 260) aponta que os escravos tinham inteligência, muitos participaram da vida econômica, administrativa, artística ou intelectual. Assim sendo, “havia uma considerável minoria de escravos que tinham prestígio, poder e influência social nada depreciável” (Hopkins, 1981: 152-53). Essas discussões nos permitem afirmar que os escravos “não viviam unicamente à sombra de seus senhores, às suas expensas e na espera de suas generosidades. O mundo da província, mais ainda que o da própria Roma conhecia a vida do trabalho cotidiano” (Petit, 1989: 169).

Ao tratar os escravos como indivíduos atuantes e que também exerciam poder, não deixamos de considerar que os mesmos são definidos por um estatuto jurídico que, no seu conjunto, os priva da sua personalidade, da ação política de um cidadão, os transforma em objetos que se podem vender ou comprar, os submete à autoridade do senhor. Contudo, mesmo diante destas condições de subalternidade, nossa fonte demonstra, diferentemente da historiografia tradicional, a ação de escravos, os quais negociam em seus espaços de sociabilidades, a saber: o espaço do trabalho cotidiano. Sociabilidade é entendida aqui como relação social, atuação dos agentes sociais em determinados espaços cujo objetivo é obter vantagens, tal como a diminuição do trabalho forçado, atenuação do conflito direto com o senhor ou a liberdade. Um aspecto da sociabilidade que destacamos é a negociação, isto é, uma relação na quais ambas as partes angariam benefícios. Isso ocorre, como dissemos, no caso em que se estabelece uma relação harmoniosa entre senhor e escravo, pois o escravo evitaria o conflito direto com o senhor, não realizando trabalhos penosos, e o senhor manteria a ordem e suprimiria reações, como a recusa das atividades impostas ou a fuga.

Finley, diferente da proposta aqui adotada, procura priorizar as relações sociais por uma determinante econômica, ou seja, “o processo de escravidão no mundo antigo é interpretado, quase em sua totalidade, como sendo parte essencial da economia” (Omena, 2009: 110). Como acentua Joly (2005: 27), o problema destes modelos são as grandes generalizações realizadas, pois não levam em consideração as peculiaridades de cada sociedade, e a maneira como os agentes sociais se relacionavam em cada localidade. O autor em questão propõe que os escravos eram frações de seus senhores, não possuíam qualquer

Silva, Suiany Bueno.
 Micro-relações de Poder:
 uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

expressão social. Ademais, a proposta de Finley também elimina a ação individual de escravos contra seus senhores, como se verifica no trecho a seguir:

“Mesmo num período de ruptura social e política, a esmagadora maioria dos escravos não teve qualquer ação. Que atos hostis poderia um escravo efetivamente realizar contra seu senhor? Poderia furtar, o que, sem dúvida era freqüente, mas o roubo em pequena escala é tão comum em certos setores de praticamente todas as sociedades conhecidas que é inútil examinar em detalhe esse tema no presente contexto” (Finley, 1991: 115).

Outro autor que compartilha da mesma interpretação de Finley é Paul Veyne, que pensa os escravos como seres passivos, os quais tampouco sabiam agir e, portanto, são posicionados em uma categoria de “instrumentos falantes”. Pensamos que o escravo representava muito mais do que uma mercadoria (Veyne, 1993: 95), isto porque, nossa perspectiva de análise é distinta desta interpretação, pois compreendemos as relações entre senhores e escravos por práticas de poderes. Quando Veyne afirma que os escravos eram criaturas sem importância social e inúteis, (Veyne, 1993: 99) esquece-se de levar em consideração que os escravos pensavam, articulavam e negociavam em seus espaços de sociabilidades, e desta forma, buscavam angariar vantagens e se afirmarem socialmente. Neste sentido, os escravos não eram, portanto, apenas ferramentas de uso como a historiografia tradicional os apontam, mas sim indivíduos atuantes.

3. A atuação dos escravos na narrativa apuleiana

A partir das considerações feitas anteriormente, a narrativa da escrava Fótiis pode ser compreendida por articulações e negociações, que se estabeleciam com Panfília, sua senhora, e com Lúcio, protagonista e amante da escrava. Fótiis vivia na *domus* de Milão e Panfília, que era temida na cidade por seus conhecimentos mágicos (Livro II, V), e, como escrava, auxiliava sua senhora na realização dos encantamentos. Tal posição garantia à personagem uma relação de proximidade com Panfília, tendo em vista situações como a metamorfose em ave (Livro II), sendo Fótiis a responsável pelo retorno dela a forma humana. A proximidade da escrava com sua senhora estabelecia-se igualmente por um conhecimento técnico, a prática da magia⁴, uma vez que

⁴ Segundo Weber, a ação magicamente motivada em sua existência primordial está orientada para este mundo, é precisamente uma ação que se orienta pelas regras da experiência. Neste sentido, a ação ou o pensamento mágico não podem ser apartados das ações cotidianas (Weber, 1991: 279). Dessa forma, pensamos a magia como um fenômeno integrante à vida

Silva, Suiany Bueno.
 Micro-relações de Poder:
 uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

Panfilia confia a ela seus segredos de magia e a realização dos encantamentos. Assim, quando Fótis diz para Lúcio:

“estou tremendo, estou cheia de horror, ao pensar em revelar o que sucede nesta casa, e ao pensar em desvendar os segredos misteriosos de minha ama [...]. Trata-se de coisas que neste mundo só eu sei [...]. Vais saber dos maravilhosos segredos pelos quais minha ama se faz obedecer dos manes, perturba o curso dos astros, constringe as potências divinas, serve-se dos elementos” (Apuleio. *Metamorfoses*, Livro III, XV).

Percebe-se que havia uma relação de confiança entre Panfilia e Fótis, pois somente a escrava sabia do modo como as operações mágicas eram realizadas, como também a auxiliava na busca dos materiais que seriam utilizados em seus mistérios. Um exemplo desta função pode ser visualizada no livro III, quando Panfilia, encantada por um jovem Beócio, ordena à Fótis que recolha pedaços do cabelo dele. Reprendida pelo barbeiro, e acusada de ser feiticeira, a escrava é impedida de realizar a tarefa, e, então, com medo da punição de sua senhora, recolhe pêlos de odres em substituição aos cabelos do jovem rapaz.

Compreende-se, a partir desta narrativa, o escravo do ponto de vista de um indivíduo atuante, o qual representa socialmente suas ações com o intuito de não ser punido pelo seu senhor. O conceito de representação social pode ser entendido através de um aspecto da sociabilidade em que a ação dos indivíduos ocorre sob a influência dos outros, e através da influência sobre os outros (Goffman, 2009: 29), a exemplo das microrelações de poder, na qual tanto o senhor quanto o escravo têm suas relações mediadas pela ação e pela influência de um sobre o outro.

Este tipo de relação também é estabelecida entre Fótis e Lúcio, em que se constata um recíproco jogo de interesses: Lúcio aproxima-se de Fótis para ter acesso à magia, objeto de sua curiosidade, relacionando-se sexualmente com a bela escrava e, a partir daí procura saber sobre a arte dos encantamentos; enquanto Fótis aproxima-se dele e utiliza de um jogo de sensualidade e afeto, com a intenção de angariar vantagens, como tornar-se concubina e manter uma relação estável. Lembrando que um liberto tornava-se cidadão e, como isso, poderia estabelecer uma relação marital, a exemplo do

social de uma dada comunidade (Cândido, 1999: 257). Trata-se de práticas que pertencem ao domínio da vontade e do desejo, ou seja, almejam alcançar fins pessoais e privados. São sempre praticadas em segredo, uma vez que são criticadas pelas autoridades romanas, e vistas como ameaças à sociedade, na medida em que se opõem aos ritos públicos, os quais possuem caráter comunitário, pois neles se venera os deuses através de práticas coletivas, tendo-se em vista o equilíbrio e a harmonia da sociedade como um todo.

Silva, Suiany Bueno.
 Micro-relações de Poder:
 uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

concubinato. Entendemos que a escrava usa a magia como veículo de ascensão social, por isso, consideramos as negociações e a afirmação social em seu cotidiano, um meio de angariar vantagens pessoais obtidas pelos ofícios ou conhecimento técnico como a arte mágica. Partimos do pressuposto de que, assim como os senhores, os escravos exerciam e sofriam a ação do poder, mesmo sendo agentes socialmente inferiorizados.

Assim, ao utilizar do próprio corpo como objeto de sedução, ou mesmo de vestes atraentes, movimentando o corpo e os cabelos, Fótis pretende aproximar Lúcio, que, por conseguinte acaba por não resistir aos encantos da cativa. Mesmo com tal envolvimento, a escrava o alerta: “Olá, estudante, o fruto que furtas é doce e amargo ao paladar. Que a doçura deste mel não se transforme por muito tempo na tua boca em amargo fel” (Apuleio, *Metamorfoses*, II, X). Outro momento que explicita o elemento de sexualidade utilizado por Fótis é na ocasião em que Lúcio a descreve sob o ponto de vista de um atento observador. Citemos *in extenso*:

“[Fótis] com suas mãos pequenas, [mexia] a panela, e enquanto acompanhava esse movimento circular com rápidas sacudidelas, fazendo deslizar seus membros com delicadeza, o ligeiro meneio dos rins fazia vibrar docemente a espinha móvel, obrigando-a a ondular com graça” (Apuleio, *Metamorfoses*, Livro II, VII).

Vê-se nesta passagem que para além da atração de Lúcio por Fótis e do jogo de sensualidade realizado pela escrava para atraí-lo cada vez mais para os fins amorosos, há um elemento evidente, qual seja: a atuação articulada da escrava. Ela utiliza de seu corpo como veículo de poder, ressalta através deste seu elemento sensual, mostra-se como agente ativo na relação com Lúcio; é expressiva, pois soube envolvê-lo a ponto de deixá-lo se caracterizar como seu escravo (Livro III). É a partir da articulação de poder realizada por Fótis, dentro de seus espaços de sociabilidade, que esta estabelece relações com seus senhores, ou seja, constituía negociações e conflitos de articulação de poder (Omena, 2009).

A partir da perspectiva de atuação dos escravos é que consideramos que os mesmos utilizavam-se da estrutura doméstica, ou seja, do espaço de seu trabalho, para angariar vantagens, tal como fez o escravo Mirmécio (Livro IX). Este é escravo de Bárbaro, decurião romano, chamado ironicamente de Escorpião, que enclausura em casa sua bela esposa Aretéia, nobre por nascimento. Filesítero é um famoso adúltero, que sabendo da viagem de Bárbaro prepara-se para os combates amorosos com Aretéia. Para tal objetivo ser alcançado, Filesítero tem de comprar o escravo Mirmécio com ouro. Este, levado pelo brilho das moedas, aceita a negociação e, com isso, desrespeita as

Silva, Suiany Bueno.
 Micro-relações de Poder:
 uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

ordens de seu senhor, pois, segundo o discurso apuleiano, os homens são compráveis, são corruptivos. Citemos *in extenso*:

“Sabendo bem que a fidelidade humana é coisa frágil, que não há obstáculo para o dinheiro e que se vê o ouro forçar até portas de aço, aproveitou o momento em que Mirmécio estava sozinho, contou-lhe de seu amor e suplicou-lhe remédio para o seu tormento, pois sua resolução estava tomada: decidirá recorrer à morte pronta, senão possuíse logo o objeto de seus desejos” (Apuleio. *Metamorfoses* Livro IX, XVIII).

Diante de tal situação Mirmécio estremeceu de horror ao pensar na possibilidade de infligir a ordem de seu senhor, mas o brilho das moedas de ouro lhe chamava mais a atenção, mantinha em seu pensamento o opulento lucro que viria a obter e tudo mais que poderia realizar com as moedas. O escravo estava dividido entre duas ideias contrárias: de um lado a fidelidade, do outro o lucro, mas a fragilidade humana falou alto e Mirmécio foi vencido pelo brilho das moedas (Livro IX, XIX). Compreendemos, através dessa narrativa, que o escravo não é um ser passivo ou um mero instrumento de trabalho, mas um ser pensante que age tendo em vista sua própria sobrevivência e benefícios em seu favor. Mirmécio utiliza-se de seu poder naquele momento para receber, em troca de seu “descuido”, as moedas de ouro. Ora, o escravo exercia poder em relação ao amante (Filesítero) e seu senhor, pois ambos sofriam a ação dele. O amante para ter seu prêmio, Aretéia, foi obrigado a desembolsar moedas, enquanto o senhor tem suas ordens descumpridas e, por isso, seu lar foi violado pela infidelidade da esposa e do escravo. Percebe-se, nessas relações, processos de negociações e articulação de poder no ambiente doméstico, e nem contamos com a ação sofrida por Aretéia, que dependia, quase que totalitariamente do escravo para conseguir sua liberdade rumo aos amores com Filesítero.

Tais negociações entre senhor e escravo, delineadas por Bárbaro e Mirmécio, resultam da possibilidade do escravo partilhar de maneira parcial da intimidade e da confiança de seu senhor como um meio de obter melhores condições como, por exemplo, conquistar sua liberdade ao sair da *domus*. É fora dela que mantém contato com Filesítero, através de sua relativa liberdade conquistada por sua intimidade com seu senhor, fato que lhe abre o campo de possibilidades de negociar e angariar benefícios através das moedas de ouro e, com elas, adquirir sua liberdade e uma nova posição social, a de *libertus*.

Outro elemento relevante é observar que tanto Fótis quanto Mirmécio tinham acesso fora da *domus*. Era ao sair para além do ambiente doméstico que Fótis auxiliava sua senhora, com a obtenção de materiais para a realização dos encantamentos, conhecia o ambiente urbano ao qual estava inserida, não se

Silva, Suiany Bueno.
Micro-relações de Poder:
uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

restringia aos afazeres domésticos, embora o espaço da cozinha fosse o espaço de poder utilizado por Fótis para envolver Lúcio no intuito dos fins amorosos. No segundo caso, Mirmécio negocia com Filesítero fora da *domus* e é nesse espaço que ele tem a possibilidade de angariar vantagens, tal como as moedas de ouro. Percebe-se que, nesses exemplos, o escravo não se encontra restrito ao ambiente doméstico: é a relação deles com seus senhores que lhes permitem relativa liberdade de ação em outros ambientes de sociabilidades.

A confiança é, nos casos analisados, elemento constituinte da relação cotidiana senhor-escravo, pois a partir dela estes agentes sociais articulavam dentro de seus espaços de sociabilidade⁵ (Omena, 2009). Sêneca, autor do século I d.C., propunha que a relação mais humanizada entre senhor e escravo permitia a fidelidade e mesmo o auxílio que os escravos poderiam prestar aos seus senhores, como também a supressão de possíveis reações deles contra seus amos. A cumplicidade tida na relação escravo-senhor ocorria no momento em que o primeiro fosse tratado com amizade e respeito, esta relação harmoniosa garantia uma manutenção da ordem, por outro lado o resultado dos maus tratos rendia aos senhores uma relação de inimizade com os escravos (Omena, 2009: 120-121). Como pontua Bradley, os escravos atuavam, mostravam-se resistentes de acordo com o comportamento moral de seus senhores, agiam contra seus amos geralmente para aliviar as punições perpetradas pelos mesmos (Bradley, 1994).

4. Considerações finais

Analisamos, neste artigo, uma narrativa literária escrita no século II d.C., e como afirma Pesavento (2004: 22), a literatura nos possibilita um acesso especial ao imaginário. Entendemos o imaginário não como ideias e imagens sem vínculo com a realidade, mas como um conjunto de representações que são formadas na realidade social ao mesmo tempo em que constituem essa mesma realidade (Chartier, 1990; Baczkó, 1991; Laplatine; Trindade, 2003). Dessa forma, se pode afirmar que o estudo da obra apuleiana possibilita a compreensão da realidade social romana no contexto imperial através das relações de poder entre senhores e escravos.

⁵ Vale lembrar que nem sempre a relação entre senhor e escravo se dava pelo viés da confiança. Em *O Asno de Ouro*, temos o exemplo de Lúcio-Asno que, enquanto metáfora da escravidão, estabelece as relações com seus diversos donos através da força direta, pois este escravo não tem o direito de ir e vir, não dispõe de seu próprio tempo, é submetido à vontade de seus senhores para realizar trabalhos como, por exemplo, o trabalho no moinho (Livro IX), o carregamento de mercadorias (Livro IX, XXXII), ou ser usado sexualmente e, acima de tudo, vive sob o estado da coação (Livro X).

Silva, Suiany Bueno.
 Micro-relações de Poder:
 uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

Assim, o discurso apuleiano referente à escravidão apresenta-se, nesta fonte, relacionado com a perspectiva de articulações e negociações entre o senhor e o escravo, pois tanto Fótis quanto Mirmécio realizavam os serviços que são próprios de suas condições de escravos, mas partilhavam da confiança de seus senhores, articulavam dentro de seus espaços de trabalho. Diante destas questões, compreendemos que a presença da escravidão em *Metamorfoses* não se refere apenas a uma relação de mando e obediência, mas está vinculada às articulações de poder que se delineavam na vida cotidiana entre senhor e escravo, como pertencentes às estruturas da sociedade romana provincial do século II d.C.

Referências

Fontes

Lúcio Apuleio (s/d). *O Asno de Ouro*. Trad. de Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro.

Bibliografia

Araújo, S. R. R. de. (2006). *Visões sobre escravos e animais no mundo romano presentes no romance “O asno de ouro” de Apuleio de Madaura: Aplicação do “estruturalismo genético” de L. Goldmann*. XII Encontro Regional de Historia ANPUH- RJ, 01-9.

Arendt, H. (2003). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.

Baczko, B. (1991). *Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Balandier, G. (1982). *O Poder em Cena*. Trad. de Luiz T. C. de Moura. Brasília: Ed. UnB.

Bradley, K. R. (1994). *Slavery and Society at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.

Brunt, P. A. (1968). Trabalho e escravidão. In Balsdon, J. P. V. D. (Org.), *O mundo romano* (pp. 169-181). Rio de Janeiro: Zahar.

Cândido, M. R. (1999). Magia: um lugar de poder. *PHOÍNIX/UFRJ*. Rio de Janeiro, ano V, 255-261.

Silva, Suiany Bueno.
 Micro-relações de Poder:
 uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

Chartier, R. (1990). *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL.

Finley, M. (1991). *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1986). *A Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Robert Machado. Rio de Janeiro: Graal.

Funari, P. P. A. (2001). Política e Riso em Pompéia: ensaio sobre a crítica social popular In Funari, P. P. A; Benoit, H. *Ética e política no mundo antigo* (pp. 117-132). São Paulo: Unicamp.

Gaudemet, J. (1992). Esclavage et dépendance dans l'Antiquité. In Gaudemet, J. *Droit et société aux derniers siècles de l'Empire Romain* (pp. 237-274). Nápoles: Jovene Editore.

Goffman, E. (2009). *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia S. Raposo. 16ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Guarinello, N. L. (2006). Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 26(52), 227-246.

Guarinello, N. L. (2004). Prefácio. In Joly, F. D. *Tácito e a metáfora da escravidão: Um Estudo de cultura Política Romana*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo.

Hopkins, K. (1981). *Conquistadores y esclavos*. Barcelona: Península.

Joly, F. D. (2004). *Tácito e a metáfora da escravidão: Um Estudo de cultura Política Romana*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo.

Joly, F. D. (2005). *A escravidão na Roma antiga: política, economia e cultura*. São Paulo: Alameda.

Joly, F. D. (2008). Liberdade e escravidão na Roma Antiga In Funari, P. P. A; Silva, G. J; Martins, A. L. (Orgs.), *História antiga: contribuições brasileiras* (pp. 129-142). São Paulo: Annablume; Fapesp.

Laplatine, F; Trindade, L. (2003). *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense.

Mendes, N. M; Silva, G. V. da (Orgs.), (2006). *Repensando o Império Romano*. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad.

Silva, Suiany Bueno.
Micro-relações de Poder:
uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

Motta, S. V. (2006). *O engenbo da narrativa e sua árvore genealógica*. Das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. São Paulo: UNESP.

Omena, L. M. de. (2009). A Festa e o Riso na narrativa apuleiana. *Revista fato&versões*, n° 1, v 1, 04-14.

Omena, L. M. de. (2009). *Pequenos poderes na Roma imperial*: os setores subalternos na ótica de Sêneca. Vitória: Flor e Cultura.

Omena, L. M. de. (2009). A magia como exercício de poder utilizada pelas mulheres fictícias nas metamorfoses de Lúcio Apuleio. *Caderno Espaço Feminino*, 21(1), 99-115.

Omena, L. M. de; Gomes, Erick M. C. O. (2001). Casamento e magia nas Metamorfoses, de Lúcio Apuleio (século II d. C.). *Mneme – Revista de Humanidades*, 12(30), 157-177.

Pesavento, S. J. (2006). História e literatura: uma velha-nova história. In Costa, C. B. da; Machado, M. C. T. (Orgs.), *Literatura e história: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU.

Petit, P. (1989). *A paz romana*. São Paulo: Edusp/Pioneira.

Schiavone, A. (2005). *Uma história rompida*: Roma Antiga e Ocidente Moderno. Trad. de Fábio Duarte Joly; revisão técnica, Norberto Luiz Guarinello. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Silva, S. C. (2006). *Relações de poder em um processo de magia no século II d.C.*: uma análise do discurso *Apologia* de Apuleio. (Dissertação de Mestrado). Franca: UNESP.

Thébert, Y. (1982). O escravo. In Giardina, A. (Org.), *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença.

Veyne, P. (1993). *A Sociedade Romana*. Trad. de Maria G. de Bragança. Lisboa: Edições 70.

Veyne, P. (1989). O Império Romano. In Veyne, P. (Org.), *História da Vida Privada I: do Império Romano ao Ano Mil* (pp. 19-223). Coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Buby. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, Suiany Bueno.
Micro-relações de Poder:
uma análise das atuações dos escravos em *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio
www.revistarodadafortuna.com

Weber, M. (1991). Sociologia da Religião. In Weber, M. *Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva* (pp. 279-418). Brasília, DF: Ed UnB.

Recebido: 02 de fevereiro de 2012

Aprovado: 26 de junho de 2012